

ARGUMENTO CONTRAPRODUCENTE

Raul Pilla

A mudança das instituições por mim preconizada — diz «O Estado de S. Paulo», tratando da cegueira, que, em seu editorial de 6 do mês corrente atribui aos parlamentaristas — a mudança das instituições «nos conduzirá a uma situação catastrófica e sem saída possível. Não teríamos, é certo, o sr. Juscelino Kubitschek e o seu imobilismo durante cinco anos. Mas, em contrapartida, teríamos, revezando-se de três em três meses ou quiçá menos, o genro de Getúlio Vargas, o homem do escândalo do pinho e dos tratores e o aventureiro que vendia a 350 mil réis aos seus asseclas os bônus municipais emitidos a 1.000 cruzeiros. Belo panorama, com efeito, o que ofereceria o Brasil governado alternadamente pelos membros dessa grotesca e nauseante trindade».

Aceitemos o argumento. Admitamos que, transposta para o parlamento a formação do govêrno, que agora se decide diretamente pelo voto popular, o sr. Amaral Peixoto, o sr. João Goulart e o sr. Ademar de Barros se guindassem facilmente à chefia do govêrno e nêle se revezassem cada três meses. Seria realmente uma desgraça, se isto acontecesse, mas seria uma desgraça grandemente minorada pela brevidade (três meses no máximo, segundo o articulista) pela variação, que sempre é um alívio, e pela possível intercadência de um govêrno decente. Mas que sucederia, melhor, que tem sucedido e que sucederá com o sistema presidencial, que, segundo o articulista, deve estar fazendo a felicidade do Brasil?

Vejamos. Nêste mesmo regime, que «O Estado de S. Paulo» não admite seja substituído, o sr. Getúlio Vargas, depois de deposto da ditadura estado-novista em 1945, foi trazido novamente ao poder em 1950, como presidente constitucional, pelo voto do eleitorado. Por dois ou três meses, como prevê o articulista com o sistema parlamentar? Não, por cinco anos, que só não se perfizeram, porque o cúmulo de desmandos gerados pela irresponsabilidade do regime levaram o presidente a truncar, com a própria vida, o seu mandato.

Isto não é hipótese, é fato verificado. E, agora, que sucederá, se fôr mantido o regime nefasto? Indica-o, sem querer, o próprio articulista: será levado à presidência da República, ou o genro do sr. Getúlio Vargas, ou o sr. João Goulart, seu herdeiro político, ou o sr. Ademar de Barros, também cria do getulismo. E não já por dois ou três precários meses, senão por cinco longos anos, sem remissão. Isto é o que estão temendo todos os democratas e só não se realizará, se surgir o govêrno constitucional-militar do atual ministro da Guerra, o que também não é uma hipótese feliz, embora provável.

Vê-se, pois, que o argumento, fundado, aliás, numa situação criada pelo atual regime e que somente com ela poderia criar-se, vale mais contra o presidencialismo, do que contra o parlamentarismo.

Eu aceitei, porém, a afirmação do articulista unicamente para argumentar. Porque quem quer que saiba o funcionamento dos dois sistemas e, ainda menos, conheça esta mesma Câ-

(Conclui na 9ª página)